

Imagens na pesquisa com professores: o oral e a fotografia

Images in the research with professors: verbal and the photograph

Valeska Fortes de Oliveira¹
Vânia Fortes de Oliveira²
Laura Elise de Oliveira Fabrício³

...Resgatar a memória e recontar a história é resignificar o olhar...
(Sonia Kramer)

Resumo

A proposta deste texto é pensar o oral e a fotografia como “ferramentas”, mas também como dispositivos que dão “voz” e “imagens” as leituras de realidades e, mais especificamente à investigação no território das ciências sociais, onde já temos uma história em torno das abordagens quantitativas e qualitativas. Nosso lugar de fala é o das ciências sociais onde, nosso envolvimento mais específico no campo da pesquisa é o da educação. Nossa abordagem de investigação / formação com professores privilegia o trabalho da memória, capaz de reconstruir imagens (representações) e processos de subjetivação, resignificando as trajetórias de vida pessoal e profissional, através da história oral e das possibilidades que se abrem a partir da utilização da fotografia e as possibilidades digitais na pesquisa / formação com professores.

Palavras-chave: Imagens, História Oral, Fotografia, Memórias, Professores.

Abstract

The proposal of this text is to think oral and the photograph as instruments, but also as devices that give voice and images for the readings of realities and, more specifically to the inquiry in the territory of social sciences, where already we have a history around the quantitative and qualitative boardings. Our place of speaks is of social sciences where, our more specific involvement in the field of the research is of the education. Our boarding of inquiry/formation with professors privileges the work of the memory, capable to reconstruct images and subjetivities of subjetivação, resignifying the trajectories of personal and professional life, through verbal history and of the possibilities that if open from the use of the photograph and the digital possibilities in the research/formation with professors.

Key words: Images, Oral History, Photographycs, Memories, Professors.

1 Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Coordenadora do GEPEIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social). Coordenadora da Pesquisa “Laboratório de Imagens: significações da docência na formação de professores”, com apoio do CNPq e da FAPERGS. E-mail:guiza@terra.com.br

2 Psicóloga. Especialista em Psicologia Social e Bolsista de Apoio Técnico do CNPq. E-mail: vfoli@terra.com.br

3 Jornalista. Bolsista de Apoio Técnico do CNPq. E-mail: laurafabricio@bol.com.br

Introdução

Este trabalho, tecido a três mãos e três vozes, foi construído a partir do desafio que nos foi colocado em socializar nossa experiência com dois dispositivos potentes na investigação e formação com professores. Três vozes e escritas de lugares formativos diferenciados mas que se encontram num Projeto instituído por nós como “Laboratório de Imagens: significações da docência na formação de professores. As narrativas docentes têm sido privilegiadas nas nossas pesquisas como forma de acesso aos imaginários e aos saberes das professoras envolvidas. Nosso texto traz duas ferramentas, a história oral e a fotografia, utilizada pela rede de pesquisa coordenada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social e, algumas das reflexões que temos feito a partir dos debates em eventos na área da Educação e em áreas afins.

O envolvimento com estas paisagens nos coloca um desafio qualitativo na pretensão de leitura, de escuta, de visualização dos movimentos, do dizível e do indizível, do que se mostra e do que se esquece, da produção de sentidos e significados individuais e coletivos com olhares para as questões identitárias, as relações de gênero, etnia e grupo social.

Quando mencionamos o qualitativo não estamos desprezando o quantitativo na pesquisa nas ciências sociais, ao contrário, já somos portadores de um acúmulo de debates e estudos que polarizavam entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa, criando o que conhecemos pela falsa dicotomia ou a controvérsia quantidade/qualidade. Concordamos com Gamboa (1995, p.89) quando aponta que “para superar o falso dualismo quantidade- qualidade, é necessário relativizar a dimensão técnica inserindo-a num todo maior que lhe dá sentido, tomando-a como parte constituída do processo de pesquisa.”

O todo maior que o autor se refere, diz respeito ao enfoque epistemológico da pesquisa, sua lógica interna. Antes mesmo da escolha do tipo de abordagem que será dada à investigação, é preciso que se olhe para o próprio objeto, como já sabemos, muitas vezes, se tratando de sujeitos, mas por se tornarem categorias, assumem a configuração de “objetos” de pesquisa. Nesta perspectiva, o método se transforma como disse bem Bachelard (1987)

verdadeiramente uma astúcia de aquisição, um estratagema novo, útil na fronteira do saber. Em outras palavras, um método científico é aquele que procura o perigo. Seguro de seu acervo, ele se aventura numa aquisição. A dúvida está na frente, e não atrás, como na vida cartesiana.

A utilização do método biográfico de história oral e da fotografia num Laboratório de Imagens que se propõe reunir e sistematizar imaginários de professores que atuam em diferentes níveis e espaços de ensino, não está centrada na preocupação de reconstruir fatos passados e presentes como verdades históricas, mas uma tentativa de compreender e capturar visões de mundo, sonhos, expectativas, desejos e comportamentos e identidades na perspectiva de conhecer um grupo social que trabalha anonimamente num espaço da sociedade - o espaço da docência. O trabalho com estas duas ferramentas: a oralidade e a fotografia proporcionam uma complementaridade na leitura, na escuta e na compreensão de imagens que compõem uma mesma realidade, ou melhor, realidades, pois vistas de ângulos diferentes mas complementares.

Nossas pesquisas têm se utilizado da História Oral com duplo propósito: conhecer os imaginários, as culturas e os processos de formação docente, a partir das suas trajetórias de vida pessoal e profissional e, ainda, colocar o professor como sujeito histórico, de uma história cotidiana que não é contada, de um sujeito anônimo que trabalha com diferentes gerações, que vive momentos históricos com demandas políticas diferenciadas e para o qual não se dá a voz. A dimensão da oralidade (contar-se para o outro) aciona com dispositivos de formação e autoformação, mais ainda, com processos de produção de identidades, dando visibilidade a grupos que na abordagem da história cultural passam a ser vistos como construtores sentidos e significados sobre fatos, situações e experiências do mundo vivido.

As professoras, fazendo parte de um grupo que culturalmente não valoriza as memórias educacionais e, que vem historicamente construindo-se como grupo social com um estatuto de profissão, vem percebendo o potencial do trabalho com histórias de vida, onde um dos propósitos é também, ajustar contas com o passado, na perspectiva de ressignificar o presente.

Tratando da necessidade do nosso diálogo com o tempo, Giddens (2002, p.72) diz que:

‘Tomar conta de nossas próprias vidas’ envolve risco, porque significa enfrentar a diversidade de possibilidades abertas. O indivíduo deve estar preparado para fazer uma ruptura mais ou menos completa com o passado, se necessário, e deve contemplar novos cursos de ação que não podem ser guiados simplesmente por hábitos estabelecidos.

Trabalhar com as representações de professores como pessoas e como grupo social, trabalhar com as nossas representações como pesquisadores com professores, aciona com a construção de uma memória coletiva da história da própria docência, contada por aqueles que cotidianamente trabalham com a possibilidade da construção de uma memória do próprio país.

Através das histórias de vida contadas oralmente e pelo recurso da fotografia, nos aproximamos de imagens reconstruídas no presente, a partir dos significados atribuídos às trajetórias vividas. Conhecemos os processos de formação, visitamos as paisagens, os comportamentos, os tempos vividos através dos sentidos trazidos ao momento de fala. Falar de si, como uma intenção proposta por um pesquisador, de pesquisar em si, auxiliado por imagens fotográficas transporta-nos a outros tempos, a outros espaços e a outras práticas discursivas significativas, permitindo que se compreenda o deslocamento de sentidos individual e coletivamente na sociedade.

A oralidade traz a espontaneidade, a fotografia traz o detalhe, o cheiro, a cor, o som, aciona com o trabalho da memória que acaba, muitas vezes, precisando fatos, acontecimentos, datas, até então “esquecidos”. A história oral recupera a voz de quem viveu e o significado construído por quem relata, dando o direito do recorte “daquilo” que pensamos não ser interessante ficar escrito (porque a fala agora é transcrição) para outros leitores. A importância da transcrição como um momento da pesquisa que trabalha com o referencial da história oral, segundo Portelli (1997, 27), “transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação”.

A pesquisa qualitativa como prima pela leitura, pela interpretação, pela

Imagens na pesquisa com professores: o oral e a fotografia

Valeska Fortes de Oliveira, Vânia Fortes de Oliveira
e Laura Elise de Oliveira Fabrício

aproximação das possíveis e diferentes configurações que um problema de investigação assume e as dimensões possíveis de enfoque quando pensamos na complexidade, rejeita abordagens redutoras e reducionistas, privilegiando aportes teórico-metodológicos que permitam investigações a partir da multireferencialidade dos fenômenos, dos fatos sociais e dos problemas a serem estudados.

A oralidade traz o trabalho da memória e, ainda, o trabalho da palavra, do que é dito e, do que é silenciado, pois o silêncio, na perspectiva que compartilhamos com Orlandi (1993, p.p.33, 34),

não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é. (...) O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo, de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas.

O silêncio está na trama do trabalho da memória e, como aponta Portelli (1996, p.p. 68,.69), “Estes procedimentos da oralidade põem em evidência o trabalho da palavra, da memória, da consciência. “O trabalho da consciência, segundo o autor, “manifesta-se na entrevista pelo fatigante trabalho da palavra.”

Percebemos, através das pesquisas, realizadas com professores que a criação do espaço das entrevistas com os participantes vai sendo um processo criativamente proposto e, cada novo encontro, possibilita a instalação de um clima empático, viabilizando uma entrevista com mais detalhamentos, com um trabalho mais intenso da memória que reconstrói imagens e fala delas a partir de uma confiança na escuta do pesquisador. A escuta sensível é uma condição para que se estabeleça esta empatia entre pesquisador e pesquisado: uma escuta que não direciona, uma escuta que não interfere, uma escuta que se emociona e se permite ser atravessada pela fala do outro.

Para a realização da coleta de dados, nosso grupo elabora um roteiro, baseado em estudos bibliográficos referentes à metodologia. Esse momento serve tanto para o aprofundamento teórico-metodológico do grupo, como para a preparação dos pesquisadores - entrevistadores que se encarregam da coleta e do registro dos relatos.

É importante destacar que esse roteiro se destina apenas a guiar os pesquisadores, para que estes não percam o elo com as referências que norteiam a pesquisa, abarcando, dessa maneira, as categorias eleitas no projeto, tais como : o imaginário, os processos de escolha e de formação e as relações de gênero.

Os pesquisadores não estiveram limitados aos questionamentos estipulados no roteiro, pois é quase inevitável - e desejável - que, durante o relato, fluam outras questões que possam ressignificar o trabalho, permitindo que o sujeito se sinta à vontade para falar sobre muitas outras coisas significativas para ele. (HORN et al, 2000, p.32)

O trabalho meticuloso do pesquisador está também em traduzir, todo este quebra-cabeças, montando as peças, categorizando-as e tratando-as a partir dos aportes teóricos escolhidos. Este também é uma etapa da pesquisa, onde o qualitativo estará sendo garantido, pelo trabalho também criativo e consistente do pesquisador em tecer as articulações entre as fontes teóricas e as fontes empíricas, o singular, o

particular com o geral, o específico e o momento histórico de onde as falas estão sendo produzidas. “A pessoa que faz a fita também é a mais capaz de garantir a precisão da transcrição.”(TOMPSON, 1992, p.292)

Observamos, conforme as questões éticas da História Oral, o cuidado com a preservação das identidades das pessoas, buscamos sua autorização para o uso público das transcrições, dos depoimentos orais e das escritas autobiográficas. Os professores receberam seus relatos já transcritos para serem lidos e alterados quando julgassem necessário, selecionando o que disponibilizavam à divulgação pública e o que deveria ser restrito ao grupo de pesquisadores. Fica, também, a critério dos professores o uso de um pseudônimo ou não.

Este processo de criação, como bem disse Bachelard, faz parte do novo espírito científico, ou de um outro espírito científico, que coloca a criatividade como o princípio fundante da pesquisa e neste, há necessidade de articularmos a oralidade, o imagético, destacando na nossa fala a fotografia e a história oral destacadas neste trabalho, como recursos significativos à investigação de caráter qualitativo.

Sobre o uso das imagens durante o processo de entrevista, Demartini (1997, p.10) aponta para a potencialidade das fotografias como fonte de informações:

Há , parece-nos, uma ‘dialética’ intensa entre o que ficou retido na memória do entrevistado e o que a imagem lhe permitiu relembrar. O relato oral e o que parece estar mais claro na memória de cada um dá o quadro geral, mas as imagens das fotos fazem aflorar novos elementos, surgem detalhes, nomes, fatos, há um aguçamento da própria memória.

A autora aponta para o aprofundamento do relato, tornando a realidade contada mais rica em detalhes, possibilitando ao pesquisador uma aproximação maior com a mesma. Destaca ainda que a utilização das imagens, durante o processo de entrevista traz algumas vantagens do tipo: reavivar a memória dos entrevistados, traz a realidade mais próxima e traz o pesquisador para a mesma.

Este processo de reavivamento das lembranças, através de um trabalho mais refinado da memória é também visualizado nas nossas pesquisas com professores. No baú, nas caixinhas e nos álbuns ao serem trazidas para os trabalhos de escrita autobiográfica ou, no momento da entrevista, os participantes do projeto reconstróem imagens com mais detalhamentos e sentimentos.

Demartini (1997, p.11) aponta para o detalhamento e explicitação maiores das situações já descritas em entrevista, dizendo:

Parece-nos ainda que análise das fotos junto ao entrevistado permitiu estabelecer com o mesmo uma relação de maior intimidade, conhecer seu universo, pois o pesquisador aproximava-se mais concretamente da realidade relatada, começava a enxergar e vivenciar esta realidade mais diretamente através das imagens que lhe eram mostradas e comentadas.

Uma outra utilização da fotografia e da história oral, vivenciada pelos participantes da rede, através de uma oficina organizada a partir do trabalho da memória das pessoas sobre as imagens, revelou o que Giddens (2002, p. 28), aponta como a

Imagens na pesquisa com professores: o oral e a fotografia

Valeska Fortes de Oliveira, Vânia Fortes de Oliveira
e Laura Elise de Oliveira Fabrício

mediação da experiência.

Virtualmente toda a experiência humana é mediada - pela socialização e em particular pela aquisição da linguagem. A linguagem e a memória estão intrinsecamente ligadas, tanto ao nível da lembrança individual quanto ao da institucionalização da experiência coletiva.

O trabalho da memória com as fotografias, reunindo um acervo de imagens de vários momentos (tempos e espaços) dos pesquisadores envolvidos na pesquisa interinstitucional, viabilizou a experiência da história oral apurada pela imagem fotográfica. O objetivo desta oficina, como espaço de experimentação do grupo, foi dar visibilidade a um processo coletivo (a memória coletiva do grupo) os processos de identificação (construção e as mudanças nas identidades) e, as singularidades destacadas pelas escolhas das imagens e o que estas faziam suscitar.

Abordando os processos de organização de materiais autobiográficos e os seus desdobramentos na “trajetória o eu”, Giddens (2002, p. 72), propõe que se pense na experiência da seguinte forma:

A pessoa anota um evento do passado na forma de um conto escrito no presente, lembrando o que aconteceu e os sentimentos envolvidos de maneira tão acurada quanto for capaz. Então a história é reescrita de maneira como o indivíduo gostaria que ela tivesse acontecido, com novos diálogos, sentimentos e resolução do episódio.

Ao mostrarem as fotos escolhidas e colocando suas memórias num trabalho de reconstrução de detalhes, percebemos tanto a preocupação em lembrar o que se sucedeu naquele momento, e os sentimentos provocados na situação relatada, como a possibilidade de um espaço para a criação de novos diálogos com as imagens, como aponta o autor citado acima.

O exercício para o grupo viabilizou, voltando as lembranças que cada foto suscitava na pessoa que estava a relatar o sentido da escolha e os significados construídos naquele registro, a reconstrução de uma memória coletiva, principalmente se tratando de um grupo de pesquisa com trajetórias comuns, mas construídas singularmente em momentos, em tempos e espaços diferentes. Uma aprendizagem para os que estão participando recentemente e, uma reorganização das trajetórias vividas sobre a proposição de uma produção coletiva.

A escolha da fotografia de uma colcha de retalhos, construída na disciplina “Expressões Lúdicas e Saberes Docentes”, utilizada como imagem propositiva do objetivo do Seminário Integrado da Pesquisa, realizado recentemente, continha a percepção de novamente estarmos juntando os retalhos (pedaços contidos na memória individual de cada pessoa) e, da necessidade de reconstruímos alguns tempos, alguns significados individuais, mas também coletivos, através do nosso acervo de fotografias.

A colagem das fotos escolhidas após um relato individual, compartilhado com representações que vinham de todos, significou também a composição de nossas memórias como pessoas, como pesquisadores e como grupo. As nossas trajetórias eram simbolizadas na composição de um quadro de papel e, como “uma obra de arte”, cuidada pelos sentidos e significados reconstruídos pelo trabalho da memória através da oralidade. Nossos propósitos com esta oficina, onde nos experimentamos

também pesquisadores das nossas memórias, vinham ao encontro de um exercício da abordagem sociopoética de investigação, a partir das nossas representações do grupo que criamos.

Todos estes recursos têm auxiliado nossas investigações e, o digital entra no nosso espaço de trabalho, possibilitando a sistematização e o trabalho em rede, viabilizando a outros grupos envolvidos na rede, um processo de comunicação e produção conjunta, através da pesquisa integrada. Trataremos com destaque na continuidade do texto o uso da história oral e da fotografia nos trabalhos de investigação / formação com professores.

Das Falas aos Sentidos: Oralidade, Identidade e Memória na Formação de Professores

A escolha do método biográfico de história oral se dá não por acreditarmos ser este apenas mais um método, mas como uma nova forma de investigação que possibilita dar voz aos sujeitos que apesar, de fazerem a história, são apenas contados e não possuem o direito de contá-la (POLLAK). Assim, entendemos que este é um método que centra-se no sujeito. Neste sentido, a escolha da história oral mostra-se contrário ao que os sociólogos designam como a história-batalha, ou seja, a história permeada por datas cronológicas, nomes e fatos, características das narrativas da história clássica, na qual os sujeitos-agentes pertenciam à classe dominante.

Além disso, o método biográfico de história oral vem romper com a concepção de dado empírico proposto pela filosofia positivista, a qual coloca que o mesmo possui valor em si mesmo, não sendo possível à interferência sobre o que é relatado. Contraopondo-se a esta idéia, a filosofia bachelardiana irá mostrar que o cientista após ter participado ativamente do processo de reconstrução oral de forma empática, sentir-se-á convidado a criar técnicas que serão utilizadas na classificação, codificação e interpretação do conteúdo contido no relato oral.

A abordagem da história de vida é apropriada para compreensão da cultura pelo “lado de dentro”. Trata-se de um procedimento que permite a aproximação entre a teorização e os fatos empíricos (CAMARGO). Tal aproximação é fundamental para validade da pesquisa social que não deve se limitar a teorizações formais nem ao empirismo puro.

Sabemos que nas comunidades em que a escrita se faz ausente, o relato oral tem importância capital, visto que este é o modo como todos os costumes e história permanece viva, através do relato dos mais velhos aos mais novos. Até mesmo nas comunidades em que hoje a escrita se faz presente existiu um período anterior a esta, onde a história oral era o instrumento que possibilitava a perpetuação da cultura local.

Entre o individual e o coletivo

Apesar do valor atribuído à história oral, esta passa a ser questionada enquanto parte essencial do método biográfico, pois se acreditava que no caso da história de vida a ênfase era dada ao indivíduo e não ao social. Entretanto, o relato oral, como também a bibliografia escrita, embora contenha a história de um sujeito, apreende um determinado contexto social, ou seja, ao mesmo tempo que uma história baseia-se na vida de cada sujeito, ela encontra-se remetida ao social.

Como bem coloca RAPCHAN:

Neste sentido, esta abordagem procurará se aprofundar na narrativa segundo as perspectivas do dito, do escrito e do silenciado; no debate acerca das relações e dos critérios da definição das noções de memória e história, bem como de verdade e realidade à luz de uma preocupação com o sujeito produtor de narrativa, enquanto um sujeito produtor de significados que são construídos coletivamente. (Idem, 2001, p.47)

Assim, podemos dizer que no momento em que escolhe-se um grupo específico a ser pesquisado, esse corresponde a um contexto de sociedade que deve ser cuidadosamente trabalhado através da escolha teórica, e conseqüentemente, através das categorias utilizadas para a análise dos dados.

Para saber sobre a diversidade dos processos sócio-culturais é preciso, segundo Marre (1991) dar a palavra àqueles que os vivenciam, ouvir, para então buscar desvendar como nesta fala se ligam a experiência individualizada e os determinantes sociológicos. O método biográfico permite que se estabeleçam as ligações entre vida individual e vida social. A história de vida cria um documento na medida em que registra um relato sobre fenômenos sociais singularmente vivenciados. Através das histórias de vida o investigador quer descobrir facetas do coletivo. “O que existe de individual e único numa pessoa é excedido, em todos os aspectos, por uma afinidade de influências que nela se cruzam (...) de ações que nela se exercem e que são inteiramente exteriores” (QUEIROZ, 1987, p.283).

Validade e Veracidade dos Fatos

Costuma-se questionar o método biográfico de história de vida quanto a validade e veracidade enquanto documento, visto que esse encontra-se baseado em relatos de indivíduos, o que segundo alguns cientistas, devido à interferência da subjetividade do narrador poderia ser falseado.

A questão aqui é que pelo fato de estarmos lidando com sujeitos necessariamente se faz presente um conteúdo subjetivo, que funde-se com questões objetivas. O importante é que não se perca nenhuma das dimensões implicadas nos relatos, pois se por um lado o subjetivo pode ser um obstáculo, como acreditam alguns cientistas, por outro ela surge como dispositivo que faz com que tais sujeitos falem, no caso dos relatos orais ou escrevam, no caso dos relatos escritos.

Sabe-se que neste caso “quando o indivíduo relata as suas experiências, ele não relata todos os fatos ou todos os eventos cronológicos. Pelo contrário, ele escolhe, ele faz uma seleção”.(Marre, Idem, p.98) Assim, a descontinuidade como a subjetividade são partes integrantes da própria constituição humana, é a forma pela qual ele reconstrói a sua história. Além disso, o fato de conter questões subjetivas não significa, como já foi mencionado anteriormente, que os relatos não contenham pontos comuns, pois o que permeia cada relato é uma questão social comum entre os sujeitos, embora saibamos que o modo com o que cada um absorve as questões sociais seja singular.

Existe ainda uma distinção a ser considerada entre o oral e o escrito, devido à diferenciação existente entre discurso e narrativa, até mesmo no que diz respeito ao caráter de veracidade distinto para os dois. Entretanto, o que interessa realmente

não é o objeto do relato, mas sim o modo como tal relato encontra-se encadeado com as classificações eleitas pela pesquisa e o quanto se encontra carregado de sentido. (RAPCHAN, 2001)

Memória e Silêncio

Outro aspecto também considerado pelo método biográfico de história oral é o silêncio, não entendido por nós como o não dito, mas sim como algo carregado de emoção. Como aborda Pollak (Idem), as dificuldades e os bloqueios só raramente podem ser entendidos como “brancos da memória” ou “esquecimento”, pois na verdade eles surgem como mecanismos para a manutenção da comunicação com o meio-ambiente, ou seja, existe por parte do sujeito “uma reflexão sobre a própria utilidade de falar e transmitir o seu passado”. (Ibidem, p.13)

Além disso, segundo este autor existe um trabalho de enquadramento da memória, mais especificamente das memórias coletivas, certamente com o objetivo de manutenção da estrutura das instituições sociais. Entretanto, sabe-se que por mais que uma instituição possua uma estrutura sólida, não há fator que garanta tal solidez. Os instrumentos da história oral, por sua vez, mostram através das memórias individuais os limites do trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revelando um trabalho psicológico do indivíduo, onde emergem tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças particulares.

A questão da memória da forma com é abordada nos leva a crer que o relato oral tenha a função de acionar a mesma, pois ao contrário da história oficial abordada em livros ou documentos, a história oral contada por sujeitos-agentes faz com que a memória seja acionada através de todos os sentido, seja através do corpo, dos cheiros, dos gostos, etc.

Apesar da história oral remontar aspectos individuais de cada sujeito, ao mesmo tempo uma memória coletiva é ativada, pois à medida em que cada indivíduo conta a sua história, esta mesma encontra-se envolta por um contexto sócio-histórico que deve ser considerado, visto que apesar da escolha do método justificar-se pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos levam em consideração, como já foi abordado anteriormente, as questões sociais presentes nos mesmos.

Assim, a história oral representa a realidade com as respectivas diferenças, explora as relações entre memória e história, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade, reconhece que as lembranças são as artes do indivíduo e redimensiona as relações entre passado e presente, ao perceber que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado. (LUCENA, 1999, p.24)

Identidade e Subjetividade

Quando nos remetemos ao conceito de identidade, certamente estamos inseridos em um campo conceitual onde não há consenso, pelo menos no que diz respeito as teorias sociais. Se por um lado, o termo nos soa como algo fixo, determinado. Por outro lado, a identidade no sentido que pretendemos abordar vem dizer dos modos como cada sujeito se apropria da subjetividade, dos modos de subjetivação.

O conceito de subjetividade aqui não é concebido como essência, mas entendido enquanto construção social (GUATTARI), sendo que existem dois modos através dos quais os indivíduos se apropriam da subjetividade: um desses modos diz respeito a uma relação de alienação e opressão e neste caso o indivíduo se submete à subjetividade da forma como a recebe, trata-se do que Guattari (?) denominou como *individuação*; por outro lado, observamos o processo de *singularização*, onde se produz uma relação de expressão e criação e a partir do qual o indivíduo se apropria dos componentes da subjetividade.

Deste modo, a identidade segundo o nosso olhar passa não como determinação, onde o indivíduo encarna a subjetividade como ela se apresenta. Ao contrário esta diz de uma diferença, de um traço, captado pelo indivíduo dentro de um leque apresentado pelo grupo a que pertence.

Em se tratando de pesquisa qualitativa na formação de professores devemos sempre ter o cuidado de não simplificarmos as diversidades contidas nas experiências, enquadrá-las nas subjetividades dominantes. Além disso, como nos mostra Pereira (2000) a subjetividade “não é apenas uma simples questão de método ou de conteúdo,” (p.93) tratando-se algo mais radical.

Rolnik (1997) aponta para a mudança de identidades locais fixas para identidades globalizadas flexíveis, as quais trazem a possibilidade de transformações de acordo com o contexto em que se apresentam. Segundo ela, tal situação não implica em um abandono da referência identitária, visto que as subjetividades tendem a negar o que as desestabilizam, na tentativa de organizar-se a partir de uma referência pré-estabelecida.

Pensar a identidade de tal forma significa dizer que ao mesmo tempo em que o indivíduo traz consigo traços da cultura, esse é capaz de apropriar-se da vida, ou seja, ele inventa formas de estar no mundo que não aquelas determinadas socialmente.

Quem somos nós, assim encerrados em corpos sexados, construídos enquanto natureza, passageiros de identidades fictícias, construídas em condutas mais ou menos ordenadas? Quem sou eu, marcada pelo feminino, representada enquanto mulher, cujas práticas não cessam de apontar para as falhas, os abismos identitários, contidos na própria dinâmica do ser. (SWAIN, 2002, 327)

Nossa preocupação é a de, enquanto pesquisadores preocupados com a formação e autoformação devemos nos voltar para as “identidades flexíveis”. Assim, devemos entender que ao contemplarmos a subjetividade, os modos de subjetivação, não estamos aplicando mais um método e/ou uma teoria, mas nos defrontamos com os modos de ser de cada indivíduo no interior das instituições sociais. Documento Fotográfico: o despertar da história oral e as possibilidades digitais

Embora há muito tempo se discuta o uso da fotografia enquanto documento, hoje se sabe que seu uso para provar e atestar discussões, pesquisas ou simples registros do cotidiano é necessário e de grande valor, senão essencial. Aqui, além de trazermos à tona essa antiga discussão, se debaterá mais profundamente as reais possibilidades advindas da imagem fotográfica enquanto documento de consulta em projetos científicos, a importância da utilização de tal material nas pesquisas qualitativas

e as possibilidades advindas de processos fotográficos digitais, como forma de se ressaltar a importância do uso de imagens fotográficas para consulta, análise e, inclusive, despertar a memória individual e coletiva dos indivíduos entrevistados.

A fotografia, desde sua invenção, está associada a idéia de realidade, de comprovação do real, prova de que os fatos captados e fixados no instantâneo aconteceram e da maneira como ali estão, um documento, portanto, de prova incontestável. Contudo, se sabe que uma fotografia não representa a total veracidade dos fatos e uma visão neutra da realidade, devido justamente a interferência subjetiva de quem registra os acontecimentos, a interferência do olhar do fotógrafo que mesmo se detendo na ação que se desenrola à sua frente, ou seja, o objeto a ser fotografado, a posição em que irá fotografar ou ângulo escolhido, interferirá no resultado da imagem e em seu sentido.

No entanto, o uso de imagens fotográficas como documento testemunhal em projetos de pesquisa se tornou uma necessidade indiscutível; as fotografias de família, as imagens sociais que falam das cidades e de seus espaços físicos, os costumes de épocas em que não estávamos presentes mas que nos interessa saber, os móveis, as roupas, os tipos de moradia e as estruturas políticas, econômicas e sociais são partes da história da humanidade que, desde períodos muito remotos são registrados em forma de imagens, seja reprodução em desenho, gravura, pintura e escultura ou, mais precisamente no final do século XVIII e início do século XIX, na forma de imagens fotográficas, com a criação da fotografia.

Defender tal idéia é, antes de tudo, afirmar que na realidade não existem “fotografias frias”, conforme alguns pesquisadores já afirmaram se referindo dessa forma a imagens fotográficas sem título, legenda ou desacompanhada de um relato oral, como diz Von Simson:

Após fichar todo acervo fotográfico reunido notamos que devido às diferentes origens do material coletado e às próprias condições de coleta do mesmo as fotos catalogadas se dividiam em dois grandes grupos que denominamos: fotos frias- aquelas que praticamente só traziam as informações visuais do registro fotográfico; fotos quentes- aquelas para as quais conseguimos obter uma descrição da situação registrada e das condições e intenções do registro, feita pelo doador. (1996, p.8).

Na verdade, mesmo tendo a interferência do olhar de quem registrou algum acontecimento, as fotografias erroneamente classificadas de “frias” têm muito a contar e, portanto, muitas informações que não se anulam ou perdem a validade do fato registrado, devido à subjetividade do indivíduo fotógrafo; essa interferência de escolha de ângulo, distância focal ou profundidade de campo, que são termos específicos da linguagem fotográfica e que dependem da escolha do fotógrafo ou da necessidade imposta pela situação a ser registrada, não deixam de contar um fato real.

A Fotografia despertando a memória

Qual a importância real do uso da fotografia dentro de projetos de pesquisa? O que se pode obter de informações de uma fotografia que a faça valer como um documento? O que se extrai de um momento congelado no espaço e no tempo e que, concomitantemente, faz com que a memória recorde e resignifique as histórias contidas na mensagem de um instantâneo?

Imagens na pesquisa com professores: o oral e a fotografia

Valeska Fortes de Oliveira, Vânia Fortes de Oliveira
e Laura Elise de Oliveira Fabrício

É certo dizer que ao olharmos uma fotografia, a memória é ativada de forma que acabamos lembrando de toda uma situação relativa ao instante em que se desenrolou o fato registrado e, conseqüentemente, outros fatos que não estão presentes na imagem fixada, detalhes subjetivos que enriquecem e se transformam em informações que podem interessar à pesquisa proposta.

Esses detalhes ditos subjetivos, ativados pelo olhar posto em cima de uma imagem de família, de um acontecimento social, de um espaço geográfico modificado com o passar dos anos e tantas outras situações que são registradas por fotógrafos de todos os tempos, fazem parte de relatos orais e de entrevistas normalmente utilizados como método qualitativo de coleta de dados em projetos e, dessa forma, tem-se nessa questão a maior prova da importância da fotografia como documento de pesquisa, análise, comprovação e comparação de fatos relevantes para os objetivos de um trabalho científico.

Muitos são os estudiosos que falam na força da fotografia enquanto objeto que ativa a memória dos sujeitos entrevistados, justificando seu uso e importância, portanto, dentro de projetos de pesquisa. Conforme Demartini:

E é aqui que se distinguem mais as entrevistas com fotos, daquelas que não as têm; há um aprofundamento, a realidade parece tronar-se mais rica e o cotidiano da época mais evidente, permitindo ao pesquisador uma aproximação maior com a mesma. A introdução das imagens durante o processo da entrevista apresenta assim resultados em parte distintos, mas profundamente interligados: reaviva a memória dos entrevistados, torna uma realidade mais próxima e, ao mesmo tempo, “traz” o pesquisador para a realidade. A coleta de fotografias não pode assim ser encarada como tarefa que se distinguiu da própria entrevista; ao contrário, ela foi um elemento mesmo da própria entrevista, na medida que se recorreu às fotografias encontradas pelos professores como forma de reavivar a memória e coletar novas informações. (1997, p.10-11).

É importante ressaltar que uma fotografia sem legenda, títulos ou depoimento oral é um meio que produz informação e que pode ser usada enquanto dado para projetos de pesquisa, desde que, naturalmente, esteja inserido dentro do contexto e do objetivo dessa pesquisa. Porém, quando se consegue extrair de um depoente um relato que é despertado por uma imagem fotográfica e, portanto, tem-se então mais um dado informativo, há um material completo que engrandece os caminhos e os resultados de um trabalho científico, tornando-o cheio de novas informações.

Outro fator importante que se refere às fotografias enquanto dados utilizados como informação em projetos de pesquisa, é a presença de um fotógrafo, e isto se dá de duas maneiras: um profissional de fotografia pode, devido as técnicas que domina, recuperar materiais fotográficos que são necessários à pesquisa e que estejam danificados, e em segundo lugar, estando ciente dos objetivos da pesquisa, registra todos os momentos do trabalho, sendo que esse material poderá ser anexado à própria pesquisa.

As possibilidades digitais

Com as novas tecnologias muitas técnicas se aprimoraram e a fotografia conseqüentemente. Há, portanto, vários recursos, inclusive virtuais, que dinamizam

e se tornam novas possibilidades para aqueles que se valem da fotografia enquanto objeto de estudo, análise ou dado informativo, bem como a utilização de programas de última geração que são fundamentais em certos processos de projetos de pesquisa.

Hoje, para exemplificar as possibilidades advindas da fotografia digital, ao invés de filmes, papel fotográfico, revelações e ampliações, usa-se um disquete de pequeno porte que pode armazenar mais de cem imagens, recurso esse que simplifica os registros fotográficos. Também, com a fotografia digital, há a possibilidade de se corrigir defeitos e imperfeições no momento do registro dos fatos, com isso, conseqüentemente, há uma certa economia, pois não haverá necessidade de fazer revelações e ampliações em laboratórios comerciais nem deslocar-se aos locais dos registros já realizados para refazer fotos tecnicamente danificadas. Sem falar, é claro, nos processos de arquivamento, que além de seguros, não ocupam muito espaço. Claro que há também pequenos acidentes, como perda de arquivos, por isso e ainda justificando a presença de um profissional de fotografia, conjuntamente com os registros digitais, deve-se manter a fotografia convencional, como forma de garantir que haja mais documentos no caso da perda de alguma foto virtual.

Além dos processos fotográficos, não se pode esquecer ainda de programas que recriam espaços físicos e aqueles que reproduzem outras situações que podem ser utilizadas em projetos de pesquisa, facilitando e dinamizando o processo de recolhimento de dados, ou ainda, simulações que podem ser extremamente úteis às pesquisas.

Dessa forma, se valendo de imagens fotográficas recolhidas como dados informativos, processos de registros fotográficos convencionais ou ainda das possibilidades advindas dos processos digitais, a fotografia é de extrema e indispensável importância; ela deve ser considerada, portanto, uma fonte onde se pode buscar informações enriquecedoras e novas para um projeto que tem a finalidade de ser sério e completo: Com isso:

Uma vez que o 'historiador é sempre prisioneiro das fontes, é imprescindível levar a cabo um trabalho rigoroso e metódico de diversificação das fontes de investigação, aos mais diversos níveis.

Trata-se de um esforço profundamente criativo, que obriga o historiador a uma revisão sistemática das fontes clássicas e a uma descoberta de materiais que induzem novas leituras das realidades de ontem e de hoje" (NÓVOA Apud DERMATINI, 1997, p.28)

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A Filosofia do Não: filosofia no novo espírito científico*. Lisboa, Presença, 1987.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. , São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CAMARGO, A. *Os usos da história oral e da história de vida*. Dados. Revista de Ciências Sociais, v.27, n. 1, 1984.

DEMARTINI, Zeila de Brito F. Histórias de vida na abordagem de problemas

Imagens na pesquisa com professores: o oral e a fotografia

Valeska Fortes de Oliveira, Vânia Fortes de Oliveira
e Laura Elise de Oliveira Fabrício

educacionais. In: SIMSON, Olga Moraes Von (org.) *Experimentos com Histórias de Vida (Itália- Brasil)*. São Paulo, Vértice / Revista dos Tribunais, 1988.

____. Resgatando Imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação. In: *Cadernos CERU*, São Paulo, NAP - CERU, série 2, n. 8, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tania Maria e ALBERTI, Verena (orgs.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/ Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis, Vozes, 1996.

GUIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

HORN, Carla Cárim el al. Passo a Passo: caminhos percorridos pela pesquisa. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de. *Imagens de Professor: significações do trabalho docente*. Ijuí, UNIJUÍ, 2000.

____. Imaginário e Memória Docente: um quebra-cabeças montado em rede. In: RAYS, Oswaldo Alonso (org.). *Educação: ensaios reflexivos*. Santa Maria, Pallotti, 2002.

____. Imagens orais, escritas e fotográficas: registros reconstruídos por professores. In: *História da Educação*. Pelotas, UFPel, v. 6, n.12, set./ 2002.

KRAMER, Sonia. *Alfabetização, Leitura e Escrita: formação de professores em curso*. São Paulo, Ática, 2001.

LUCENA, Célia Toledo. *Artes de Lembrar e de Inventar: (re)lembranças de migrantes*. São Paulo, Arte & Ciência, 1999.

MARRE, Jacques Leon. História de Vida e método biográfico. In: *Cadernos de Sociologia/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia*. V.I, n.1, (abril 1989), Porto Alegre,: PPGS/ UFRGS, 1989.

ORLANDI, Eni, Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. 2 ed. Campinas, Unicamp, 1993.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas Reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: *História Oral*, 3, 2000.

PEREIRA, Marcos Villela. Subjetividade e Memória: algumas considerações sobre formação e autoformação. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de. *Imagens de Professor: significações do trabalho docente*. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Cpdoc/ FGV, São Paulo, Editora Revista dos Tribunais Ltda., Vértice, 1989 / 3.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo 2, Revista do Departamento de História*, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: Relume- Dumará, dez/ 1996.

QUEIROZ, M^a I. Relatos Oraís: do indizível ao dizível. *Ciência e Cultura*. 39(3), mar./ 87.

RAPCHAN, A. In: MONTENEGRO, Antonio Torres e FERNANDES, Tania Maria (orgs.) *História Oral: um espaço plural*. Recife: Universitária, UFPE, 2001.

Pallotti, 2002.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempos de globalização. In: LINS, Daniel (org.) *Cultura e Subjetividade: saberes nômades*. Campinas, Papyrus, 1997.

SIMSON, Olga Von. *A Arte de Recriar o Passado: a metodologia da História Oral e suas possibilidades para contribuir na promoção do envelhecimento bem sucedido*. Texto digitado: rascunho, s/d.

SWAIN, Tânia Navarro. Identidade Nômade: heterotopias de mim. In: RAGO, Margareth e ORLANDI, Eni e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado - História Oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

Correspondência

Valeska Maria Fortes de Oliveira - Rua - Guilherme Cassel Sobrinho, 54 - Bairro: Nossa Senhora de Lourdes - Cep: 97050-270. E-mail: guiza@terra.com.br

Recebido em novembro de 2003

Aprovado em dezembro de 2003